

O Papa Francisco na mídia: política, ideologia e cinismo

Pope Francis in the Media: politics, ideology and cynicism

El Papa Francisco em la mídia: política, ideologia y cinismo

Fábio Elias Verdiani Tfouni

Universidade Federal de Sergipe

Anderson de Carvalho Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

Tendo em vista o grande destaque que o Papa Francisco tem tido na mídia, buscou-se, a partir da filiação aos princípios teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa (pêcheutiana), analisar e compreender os discursos sobre a posição discursiva e ideológica do Papa Francisco. Isso é feito levando-se em conta que para a Análise do Discurso todo discurso é ideológico e implica uma tomada de posição, mesmo que inconscientemente. Tendo em vista nosso objetivo, mobilizamos um *corpus* formado por imagens de capas de revistas de grande circulação nacional bem como outras sequências discursivas obtidas pela internet de modo a apontar gestos interpretativos de denegação sobre a posição político-ideológica do Papa.

Palavras-chave: discurso, Papa Francisco, ideologia.

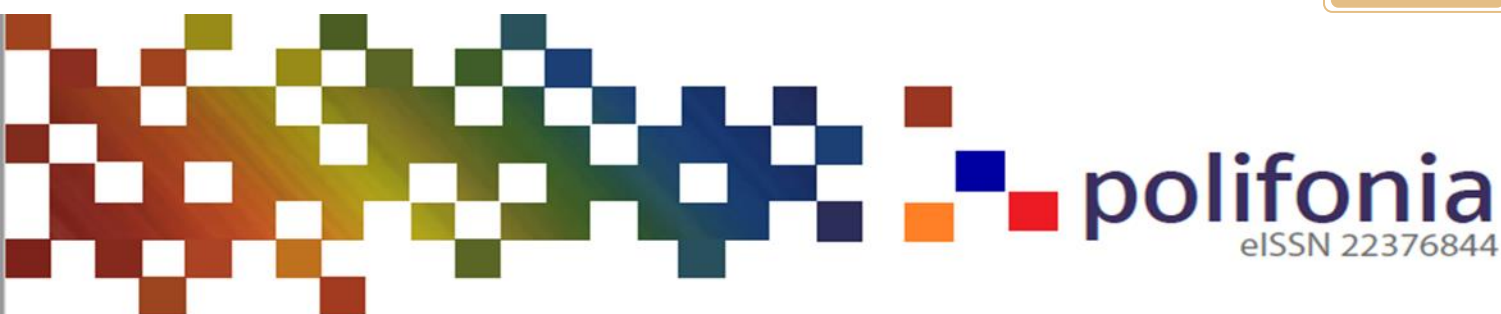
Abstract

Having in mind that Pope Francis has been a major highlight in the media recently, this article, affiliated to the French (pêcheutian) tradition of Discourse Analysis, aims at understanding the discourses about Pope Francis' discursive and ideological position. Discourse analysis theory states that all discourses are ideological and that they imply in taking position. So, our questions are: What image does the media have about Pope Francis? Does it project an image of a leftist, liberal, progressive, conservative or right wing pope? To address these questions we analyzed large circulation magazine covers and internet excerpts.

Keywords: discourse, Pope Francis, ideology.

Resumen

Llevando en consideración el gran énfasis que el Papa ha tenido en los medios de comunicación, se ha buscado, desde la afiliación a los principios teóricos y metodológicos del Análisis del Discurso de orientación francesa (Pêcheutiana), analizar y entender los discursos acerca de la posición discursiva e ideológica del Papa Francisco. Esto se hace teniendo en cuenta que, para el Análisis del Discurso, cada discurso es ideológico e implica tomar



una posición, aunque sea inconscientemente. Pensando en nuestro objetivo, movilizamos un corpus formado por imágenes de portadas de revistas de gran circulación nacional, así como otras secuencias discursivas obtenidas a través de internet para señalar gestos interpretativos de negación en lo que se refiere a la posición político-ideológica del Papa.

Palabras clave: dirección, papa francisco, ideología.

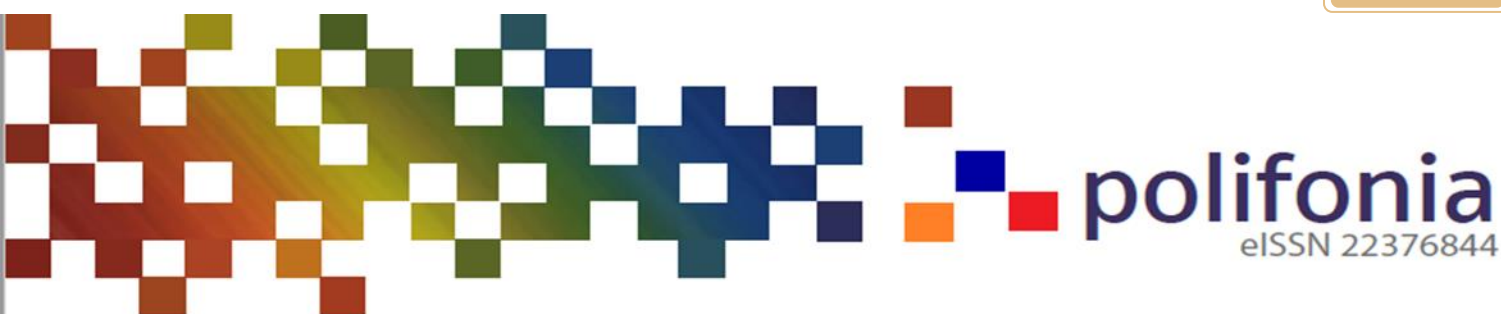
Introdução

Em trabalhos anteriores (TFOUNI & PEREIRA, 2015, 2016) tratamos do discurso sobre o Papa Francisco na mídia tentando verificar se o seu Papado consiste num acontecimento discursivo que rompe com o discurso tradicional da Igreja Católica. Abordar a “novidade” do Papa Francisco implica em verificar se novos sentidos estão sendo veiculados. Os sentidos de um discurso têm forte relação com as posições discursivas e com as formações discursivas em que esse discurso se inscreve, bem como com as imagens construídas por esse discurso. Por isso, pretendemos compreender como o Papa é retratado (ou seja: que imagens as revistas criam) em termos de posição ideológica e discursiva.

Neste trabalho, a questão principal que norteia nossa análise é como a mídia vai abrir o campo dos sentidos, e ao mesmo tempo fechá-lo, ou seja, como pretende prender o leitor numa interpretação única, numa evidência discursiva que não tem nada de evidente em si, mas que consiste, antes, numa evidência construída.

Do ponto de vista discursivo, essas opiniões, tidas como opostas no cenário nacional, mobilizam regiões do sentido que sustentam posições ideológicas e discursivas a serem analisadas, a partir principalmente do quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso pêncheutiana (doravante, AD).

Para isto, analisamos um *corpus* formado por revistas de grande circulação no cenário nacional (revista “Veja” e “Carta Capital”), que são consideradas opostas do ponto de vista da posição política e opinativa, bem como textos de *blogs* e reportagens, que incluem entrevistas



e comentários acerca de posições político-ideológicas supostamente tomadas pelo Papa. Para debater essas questões, vamos tratar dos aspectos teóricos que fundamentam essa análise.

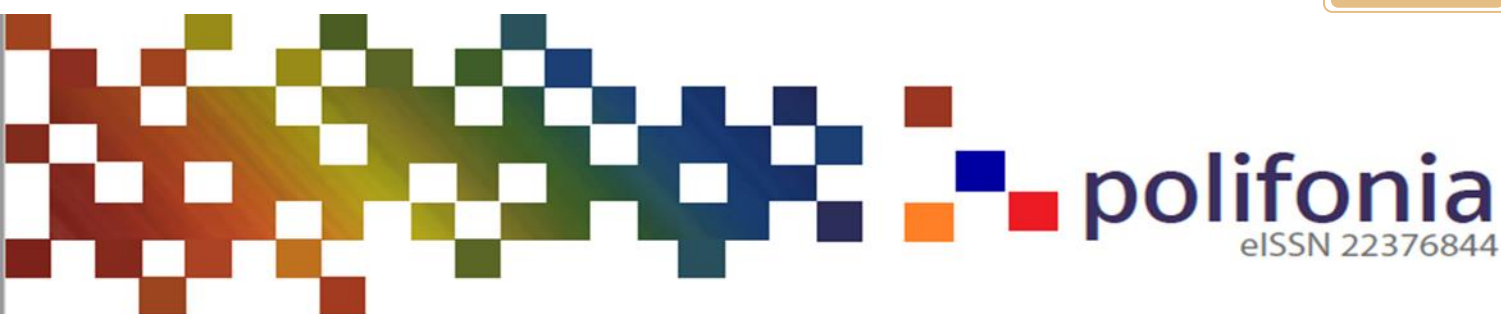
Aspectos teóricos

A AD inclui o materialismo histórico (marxista) em seu quadro epistemológico, através de uma teoria geral das ideologias e da releitura de Marx por Althusser. Tradicionalmente, a ideologia é considerada como uma ocultação ou inversão da realidade. A AD reformula o conceito de ideologia, que deixa de ser uma inversão da realidade, deixando também de ser um conteúdo, para se tornar o mecanismo de produção de uma evidência. Nessa linha, a AD questiona duas evidências fundamentais: a evidência do sentido e a evidência do sujeito. Para a AD, que é uma disciplina de interpretação, não existe descrição neutra, de modo que todo enunciado é desde sempre uma interpretação. Em relação ao sujeito, podemos dizer que para a AD não existe um sujeito essencial, ou *a priori*; o sujeito é fruto da interpelação ideológica.

Essa interpelação chama o sujeito a se posicionar, de modo que é através da formação discursiva, que o sujeito surge enquanto sujeito ideológico e da/na linguagem. A formação discursiva funciona como uma região determinada do interdiscurso na qual este já está recortado em posições. Citando Pêcheux (1993, p. 160):

... chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

A Psicanálise é outra área do conhecimento que comparece no quadro epistemológico da AD e se soma aos esforços de Pêcheux (1993, 2014) ao propor uma abordagem diferente



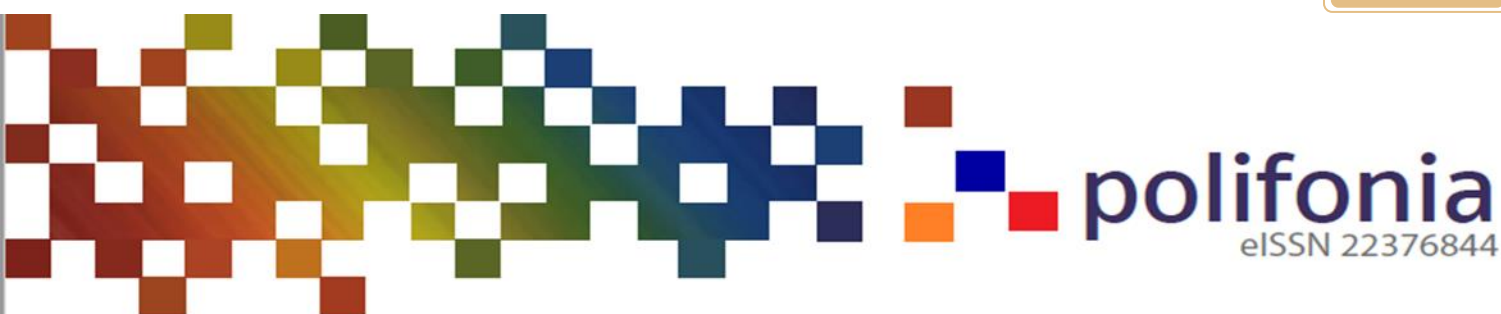
para criticar sujeito e sentido como essenciais e já dados. Nessa proposta, o conceito de inconsciente é mobilizado por Pêcheux (1993) para dar conta desse “não saber” da ideologia, ou seja, da suposta ocultação, sem cair na ocultação propriamente dita. O inconsciente seria o nó a partir do qual se poderia considerar que o sujeito é efeito da linguagem. O inconsciente é trabalhado por Pêcheux (1993) em termos dos esquecimentos *númeroum* e *número dois*; nas palavras deste autor:

... o esquecimento no 1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por esta razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua. Desta maneira pode-se adiantar que esse recalque (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdiscurso, ao qual ele se articula por relações de contradição, de submissão ou de usurpação) é de natureza inconsciente... (PÊCHEUX, 1993, p. 177)

Vale adiantar que a releitura do materialismo histórico dialético feita pela AD pêcheutiana inclui a crítica à noção de ideologia como ilusão da consciência. Parte desse percurso inclui a reformulação do caráter de interpelaçãoda ideologia, em que o efeito do recalque incide sobre a naturalização semântica dos enunciados de modo constitutivo; ainda que a posição-sujeito possa também ser resultante de uma tentativa de reparar, contornar, por meio de recursos linguísticos e interpretativos, o lugar da alienação. Em suma, parafraseando Pêcheux (1996), somente há relação entre sujeito e sentido em umaideologia, e por sujeitos e para sujeitos. É dessa tentativa que resulta a discussão sobre dois temas caros a esta pesquisa: o recalque e o cinismo.

Neste trabalho vamos mobilizar principalmente os conceitos de ideologia, posição discursiva e imagem, no que se refere a um jogo de espelhamento (retomada e recorrência) no campo das formações imaginárias.

No âmbito do interdiscurso, o imaginário identifica posições discursivas e as remete a uma rede de sentidos que preexiste ao sujeito; para Pêcheux (1999), trata-se de uma rede de memória de natureza sóciohistórica que se consolida por meio da base material da ideologia. O retorno entre o que é dito ou possível de ser dito em parte é orquestrado pelas evidências



semânticas que, com o respaldo material da ideologia organizam um jogo de formações imaginárias (ocultamentos, retomadas indiretas, suposições). Vale ressaltar que parte desta evidência pode ser absorvida pela memória em um nível parafrástico, ou tornar evidentes lacunas próprias do jogo discursivo (PÊCHEUX, 1997, 1999).

Isto demonstra que as posições discursivas nunca são equivalentes e nem mesmo os significantes que designam posições do sujeito do discurso podem sustentar sinonímias, uma vez que não se trata de intertextualidade, pois a intertextualidade remeteria somente à superfície linguística do sentido; é de um jogo no nível do interdiscurso que se trata, do plano do não dito, que, por estar recalcado, produz sentido à revelia do sujeito.

Este debate teórico é basilar para a análise da materialidade discursiva que passaremos a realizar. O movimento de retorno à teoria faz parte da organização do dispositivo teórico-analítico em AD, uma vez que não se trata de aplicar esses conceitos, mas de atualizar questões epistemológicas caras a este campo de estudos. Para tratar das questões propostas, a seguir apresentamos a análise do *corpus*, o qual foi organizado em função de unidades de sentido que tratam da veiculação da figura papal na grande mídia - apresentadas sob a forma de sequências discursivas (doravante, SDs), conforme Serrani (1997).

Análise

Chama a atenção a profusão de imagens e de notícias veiculadas em torno do Papa Francisco na mídia contemporânea do Brasil e mundo afora; especificamente nas revistas de grande circulação cotidiana vemos um intenso jogo de imagens, enaltecendo gestos de forma sutil e enfática (TFOUNI & PEREIRA, 2015, 2016).

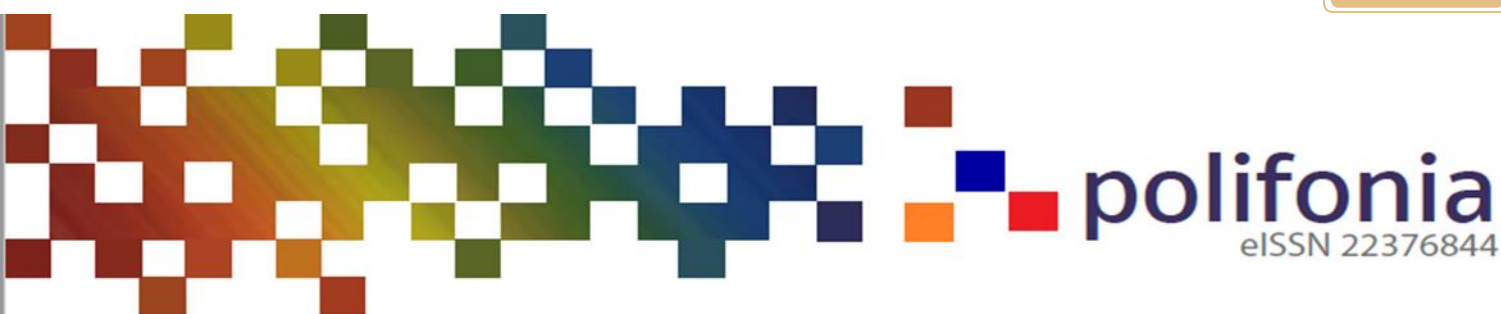
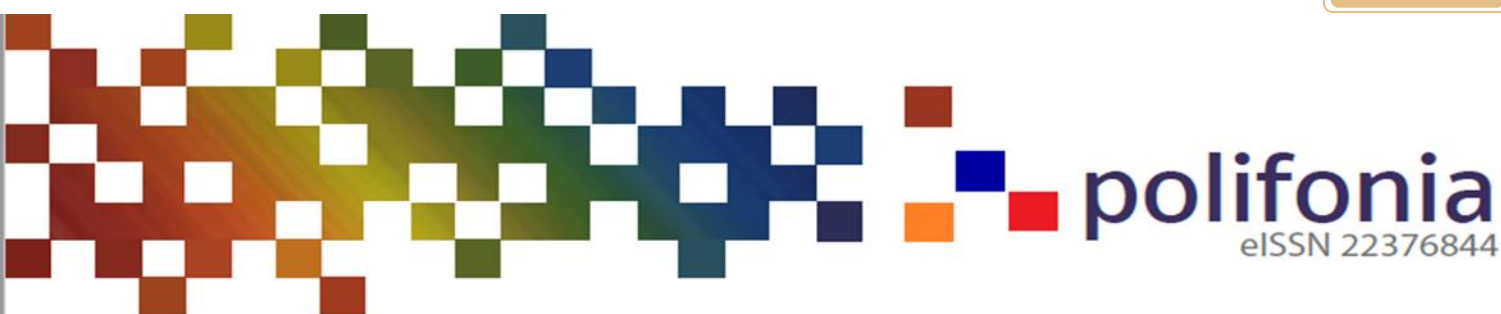


Figura 1 - **SD1** - “O profundo e histórico significado da escolha do nome do santo dos pobres pelo novo líder espiritual dos católicos” (Capa da Revista Veja, edição 2313 de 20 de março de 2013).¹

Na SD1, vemos o destaque da imagem sublinhada pelo enunciado.

Sabemos que a memória discursiva permite que a revista *Veja*, embora considerada de posição político-ideológica conservadora, coloque o novo Papa como uma mudança positiva na Igreja; não uma mudança qualquer, mas uma mudança grande e forte: um acontecimento histórico marcante. Deprendemos esses sentidos do trecho “Profundo e histórico significado”. O significante “profundo” pode indicar que não se trata de uma mudança qualquer, mas de uma mudança importante, e, por contraste, permite ler que não se trata de uma mudança “rasa” ou “superficial”, significando, então, uma alteração de rumos dentro da Igreja. Isto sinaliza que a revista considera o fato novo uma guinada em relação às posições político-ideológicas da Igreja Católica de até então. O efeito de marcar uma descontinuidade na História é o que chama a atenção como questão discursiva.

¹Capa da Revista *Veja* capa da edição 2313 de março de 2013. disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. acesso em 20/4/2016.



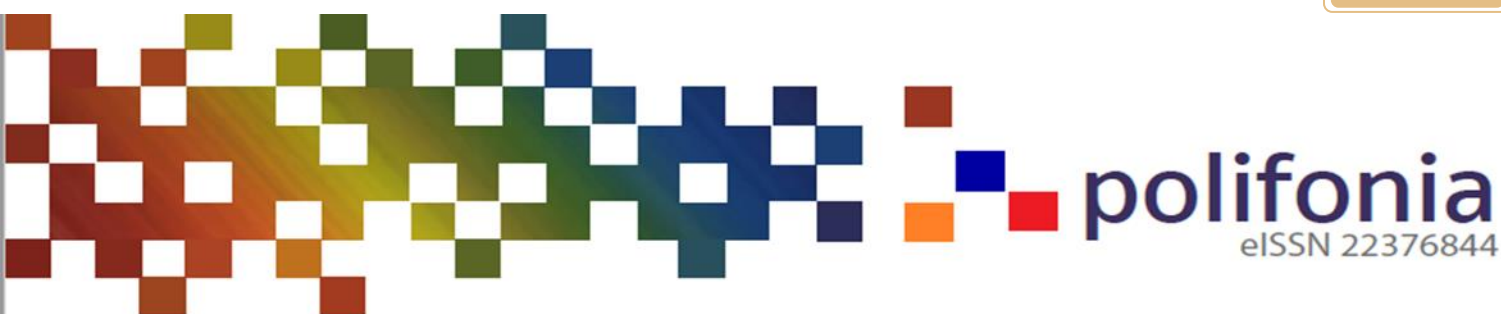
Como analistas do discurso atentos às questões do sentido na linguagem, bem como às questões de interpretação e leitura dos discursos, ressaltamos a presença do termo “significado” nesse enunciado, o que indica que se trata de um acontecimento que pede no plano da simbolização, uma leitura e uma interpretação.

Sabemos que processo histórico que sustenta os efeitos discursivos é marcado tanto pela descontinuidade quanto pela continuidade. A caracterização, pela revista, nesse caso, como descontinuidade indica que se trata de um evento que clama por interpretação. Não é um evento qualquer. É “profundo e histórico”. Neste aspecto, a novidade histórica poderia abrir o campo da interpretação; no entanto, esse campo é controlado pela posição ocupada pela revista, que o fecha.

Uma das leituras que tem sido feitas sobre a “opção pelos pobres” do Papa Francisco é a de que se trataria da tomada de uma posição ideológica à esquerda do espectro político. Assim testemunhamos a criação de uma imagem sobre a posição ideológica do Papa e da Igreja; uma posição progressista, que pode ser interpretada até como de esquerda (ressaltando que “progressista” e “de esquerda” não precisam convergir necessariamente para o mesmo campo de sentido, nem corresponder à mesma posição ideológica). Porém, interpretamos de que modo essa imagem criada sobre o Papa sustenta um efeito de evidência, fazendo parecer real ou não. Isso será discutido e retomado ao longo do texto.

O trecho da SD acima “nome do santo dos pobres” permite uma leitura da posição do Papa como progressista e de esquerda, marcando a novidade como uma descontinuidade: na medida em que indica que o Papa “veste a camisa” dos pobres e se identifica com eles, cria-se uma imagem de um Papa não elitista e alinhado aos pobres. Sabemos que os processos de nomeação são importantes para a AD e que podem ser lidos e interpretados.

Vamos tratar a escolha desse nome enquanto acontecimento discursivo. Sabemos que é a história que mobiliza a língua através da memória discursiva. Diríamos assim que não se trata de uma mera relação entre palavra e coisa, mas de uma necessidade histórica de instaurar



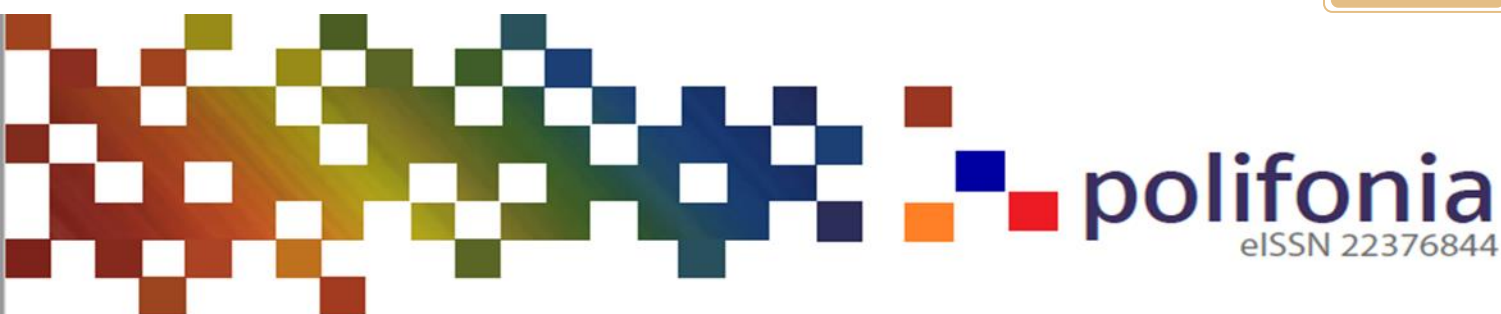
uma nova imagem e um novo discurso. Essa escolha da revista teria, então, o objetivo de reaproximar o povo da Igreja, mantendo sua importância ideológica e religiosa, e, com isso, seu poder político. Essa questão da mudança da Igreja Católica aparece em um contraste indiciado na SD2:



Figura 2 - SD2 - A Igreja Congelada - O Papa Bento XVI prega a rigidez doutrinária para depurar o catolicismo e contrapor a fé a um mundo sem valores éticos.²

Em contraste com a imagem do Papa Francisco, vista na figura 1 e nos seus enunciados, a figura 2 mostra o Papa anterior a Francisco (Papa Bento XVI) como um Papa conservador. Isso se vê no enunciado “A Igreja congelada”. “Congelada” pode significar paralisada, petrificada, sem movimento. Uma Igreja sem movimento é uma Igreja que não se desloca; não muda de opinião sobre os assuntos, não modaliza seus discursos, nem seu posicionamento político-ideológico e doutrinário. Assim, o termo “rigidez doutrinária” é uma reformulação de “Igreja congelada”; ambos estão na mesma formação discursiva, uma formação cujos sentidos remetem a uma Igreja conservadora, rígida e sem movimento.

²Capa da Revista Veja capa da edição 1902 de abril de 2005. disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. acesso em 20/4/2016.



Essa reformulação de algo que fala alhures, à revelia do sujeito e da interpretação, e que clama por sentido por ser da ordem de uma injunção à produção de sentidos aparece como aparente vontade individual, mas é da ordem das contradições da base material da ideologia.

A imagem da figura 2 traz inclusive Bento XVI dentro de um cubo de gelo, o que seria uma “tradução” para o imagético do enunciado verbal “A Igreja congelada”. Ou seja, a injunção consiste em uma dicotomia: ou a Igreja está congelada ou está em movimento.

O trecho “depurar o catolicismo” indica a intenção de “tornar puro” o catolicismo. A proximidade entre “rigidez doutrinária” e “catolicismo” no enunciado indica que essa purificação do catolicismo significa um retorno aos valores tradicionais da Igreja, seguindo a doutrina mais diretamente e, com isso, impedindo que as pessoas façam do catolicismo uma religião “à la carte”, na qual os fiéis escolheriam o que fazer e em que acreditar. Assim, a doutrina rígida e conservadora da Igreja seria aquela que deveria guiar os fiéis. Isso permite interpretar o trecho “contrapor a fé a um mundo sem valores éticos”. Esse trecho realiza um deslizamento entre os significantes: Fé - catolicismo - rigidez doutrinária - valores éticos.

O que significa que ter valor ético é aderir ao conservadorismo, à rigidez doutrinária e que isso só se faria por meio da fé e do catolicismo. Assim, o catolicismo conservador é significado como o único terreno possível para um caminho ético. Isso consiste numa construção de evidências.

Alinhada ao efeito de progressismo da SD1 (figura 1), a SD3, que vem em seguida mobiliza o sentido de progressismo, com destaque para a expressão “passos à frente”.

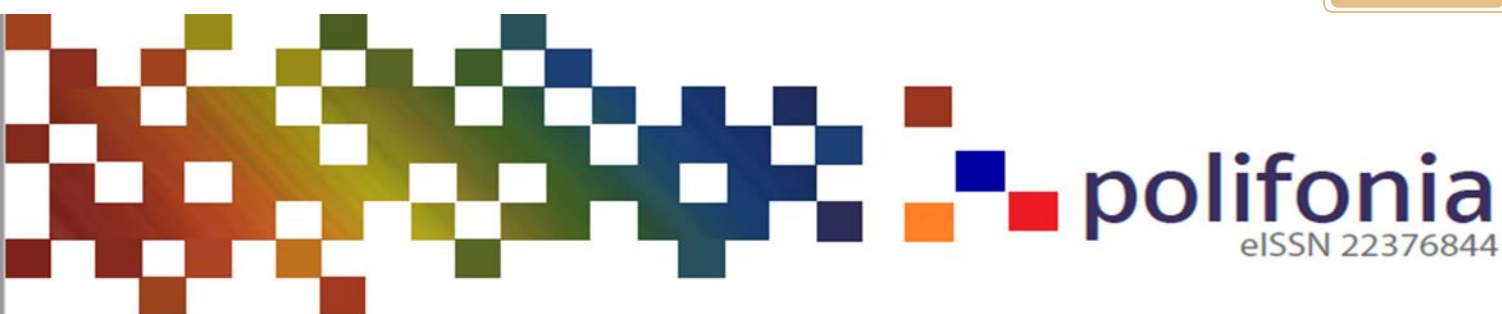
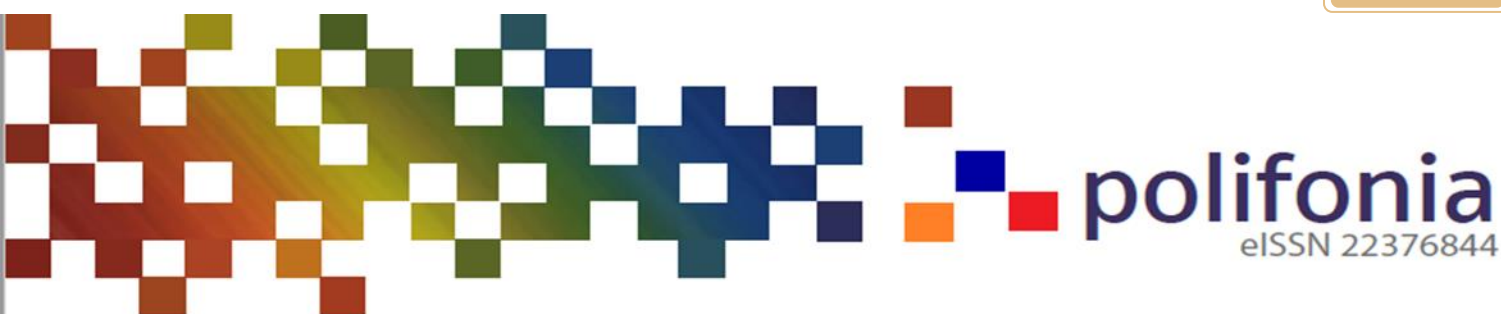


Figura 3 – SD3. O Papa renovador. Francisco vem ao Brasil e aos cem dias de pontificado já deu muitos passos à frente³

A figura 3 também retrata o Papa Francisco como progressista e como uma novidade. O termo renovador dá ao mesmo tempo esses dois sentidos: o de um personagem histórico novo, e o de uma personalidade que traz sentidos novos para uma Igreja que estava congelada (referência à figura 2). O trecho “aos cem dias de pontificado já deu muitos passos à frente”, especialmente o trecho “passos à frente”, indica que a Igreja progrediu com o novo Papa. Vemos neste ponto uma Igreja progressista, uma Igreja em movimento que não fica parada, estacionada nem “congelada”.

A imagem da figura 3 cria um efeito de sentido de um Papa (e uma Igreja) que seria “cabeça aberta”, que também pode significar “mente aberta”; constroem-se sentidos de uma Igreja que não se fecha em si mesma, uma Igreja de “ideias renovadas” que traz novos ares para uma instituição parada no tempo. Dentro da cabeça do Papa, na figura, vemos pessoas, o que significa que o Papa “tem o povo na cabeça” ou que tem “o povo em mente”, sendo assim

³Capa da Revista Carta Capital; capa da edição de julho de 2013. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/758>. Acesso em 20/4/2016.



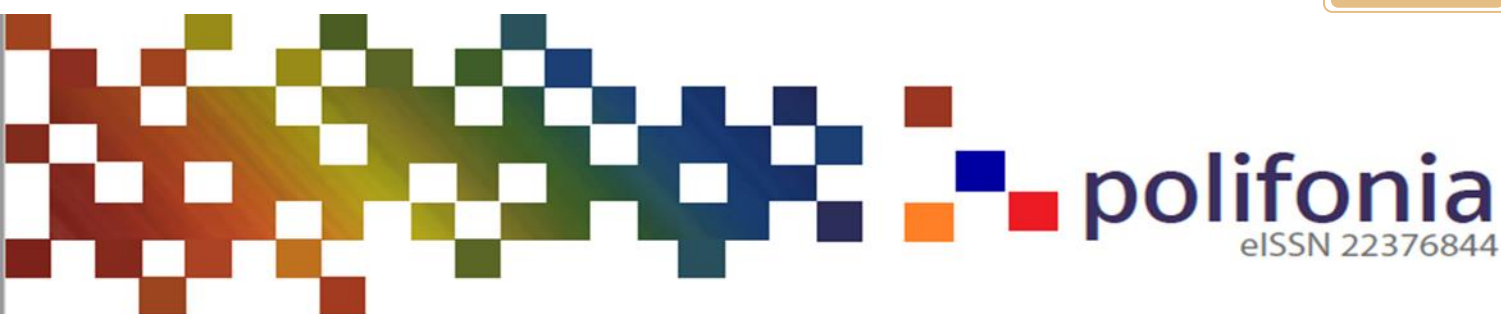
um Papa que vai “governar” para o povo. Porém, notamos que governar com o povo em mente não é mesma coisa que governar para o povo; mesmo assim, a figura induz o leitor a cair nesse “equivoco”. Ressaltamos que o “equivoco” em AD indica a deriva.

Um ponto de deriva diante da evidência de que se trata de um Papa popular e voltado aos pobres é a imagem de cédulas de dinheiro em formato de aviões, que indica a Igreja Católica também como uma instituição comprometida com movimentação financeira. Cabe perguntar: movimentação financeira e papado para os pobres convivem de forma harmoniosa ou excludente?

As Figuras 1, 2 e 3 parecem partilhar de um mesmo discurso em relação à Igreja, e que tanto a revista *Veja* como a *Carta Capital* criam uma imagem do Papa Francisco como uma novidade progressista em contraste com o Papa anterior (Bento XVI), mesmo que essas revistas aparentem ser de posições ideológicas diferentes. Notamos, assim, que na grande mídia existe uma evidência construída que seria essa imagem unânime do Papa Francisco como novidade progressista.

Não são apenas as imagens veiculadas pela mídia que assumem esse discurso de aparente progressismo. Somado a isto, vemos personalidades de todos os tipos, como políticos e membros eminentes da Igreja se posicionando em relação ao Papa Francisco, por meio de pronunciamentos destacados em textos de reportagens. Assim, trazemos a SD 4, na qual Raul Castro, atual presidente de Cuba e importante figura da esquerda, fala sobre o Papa Francisco:

SD4 - Segundo a agência de notícias EFE, Raúl elogiou o Papa por sua "sabedoria e modéstia", disse que lê "todos os seus discursos" e que, se continuar assim, ele mesmo "voltará à Igreja Católica". "Voltarei a rezar e regresso à Igreja, e não estou brincando", comentou o presidente cubano em um encontro com a imprensa. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/Papa-francisco-recebe-lider-vaticano-lider-cubano-raul-castro.html>



Na linha desta argumentação, também vale notar parte de uma entrevista concedida pelo senador Randolfe Rodrigues (PSOL-AP), publicada na revista Forum:

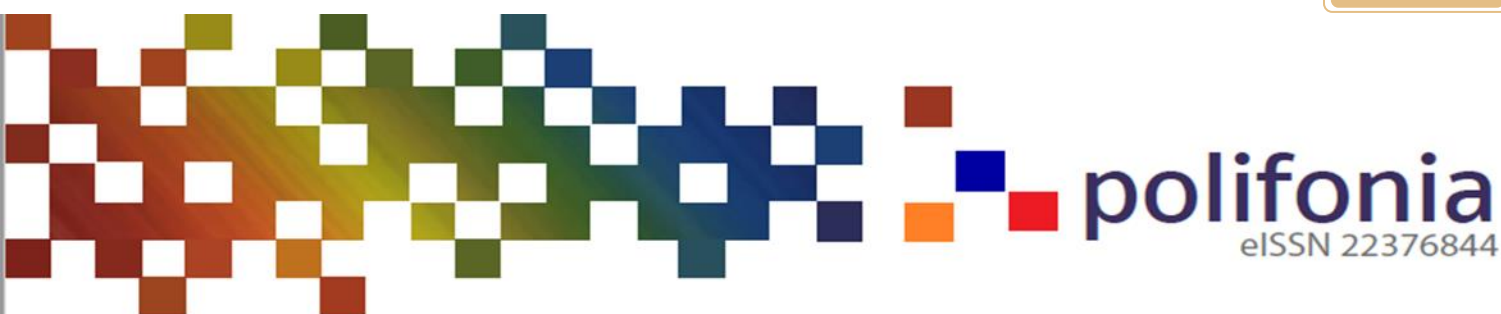
SD5 - Como católico, qual a sua posição diante de temas defendidos pelos conservadores? Para a Igreja Católica, a melhor coisa que surgiu nos últimos tempos foi o Papa Francisco. Ele foi a salvação de uma Igreja enquanto comunidade. Nos últimos anos, houve um retrocesso enorme com as teorias mais conservadoras avançando na Igreja. O Papa Francisco faz a redenção da Teologia da Libertação. Fez a beatificação de Dom Oscar Romero, iniciou o processo para beatificar Dom Hélder Câmara, que são referências de uma igreja voltada aos pobres. (entrevista realizada com o Senador da República Randolfe Rodrigues, PSOL-AP, retirado de <http://www.revistaforum.com.br/mariafro/2015/06/02/randolfe-rodrigues-o-psol-sozinho-nao-sera-protagonista-de-uma-alternativa-para-o-futuro/>; acesso em 26/6/2015).

Na SD4 em que se destaca “sabedoria e modéstia” e na SD5 temos referências explícitas a uma Igreja Católica progressista, posto que voltada à modéstia e aos pobres, o que indica uma zona de sentido que parafraseia SD1 e SD2.

Na SD5 é a Igreja progressista que se nota em “O Papa Francisco faz a redenção da Teologia da Libertação. Fez a beatificação de Dom Oscar Romero, iniciou o processo para beatificar Dom Hélder Câmara, que são referências de uma igreja voltada aos pobres”.

O significante “comunidade” na SD5 remete a uma Igreja que mudaria de atitude, deixando de ser distante, palaciana e “elitista” para assumir uma posição mais próxima dos fiéis; e também a uma Igreja que “agrega” e não que segrega e separa, lembrando que o sentido de comunidade vem de “comum” e que traz no seu campo semântico a deriva para o sentido progressista deste ponto de vista, de “comunismo”.

Existe um lugar do imaginário que solidifica um universo lógico e semanticamente estabilizado (PÊCHEUX, 1997) que alinha de maneira automática “modéstia” e “opção pelos pobres” a uma posição política progressista. Temos aí um automatismo no qual certa interpretação do sentido de “progressista” é naturalizada, pois, em certa medida, a Igreja sempre “cuidou” dos pobres, e isso não significa que a Igreja tenha uma história voltada às



mudanças; pelo contrário, aliando-se a outras forças de poder na sociedade como Aparelho Ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1999), sempre foi uma força de manutenção do poder e do *status quo* com o objetivo de reproduzir o tipo de sociedade existente bem como sua desigualdade. Esse é um dos caminhos para compreender o “cuidado” que a Igreja tem com os pobres.

Esse mundo logicamente estabilizado poderia ser lido como uma relação de implicação lógica da seguinte maneira: “uma igreja voltada para os pobres implica uma Igreja progressista”. Vejamos:

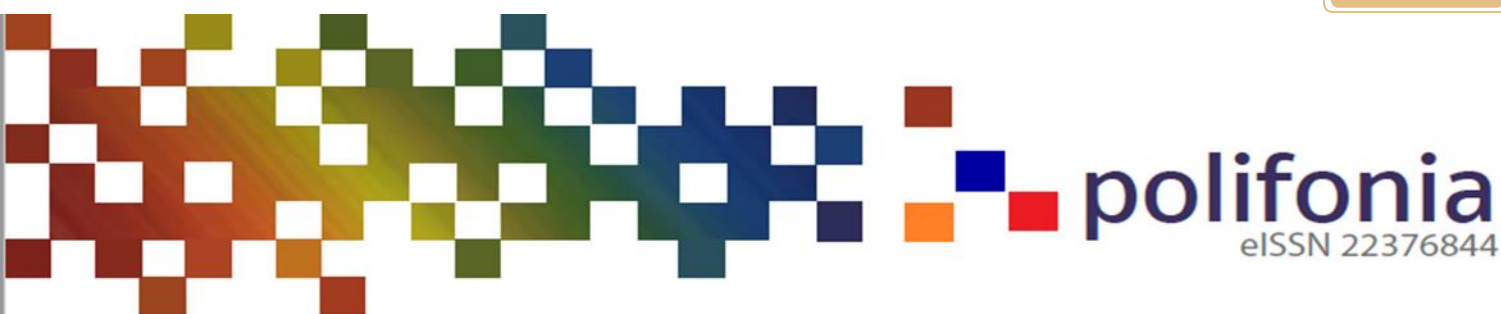
Igreja voltada para os pobres → Igreja progressista

Onde se lê “Igreja voltada para os pobres Implica Igreja Progressista”. Também parece que não seria possível a Igreja ser “voltada para os pobres” e “ser conservadora” ao mesmo tempo. Temos aí uma disjunção. Ou a Igreja é conservadora ou é voltada para os pobres; usando o conectivo ou (\vee) temos: “Igreja voltada para os pobres \vee Igreja Conservadora”

Reafirmando, parece haver um automatismo nessa leitura, uma vez que essa interpretação apaga a memória de que a Igreja sempre foi voltada para os pobres, porém, isso pode significar tanto que ela busca administrar e gerir os pobres e a pobreza, como ajudar ou “atender às necessidades”.

O mundo logicamente estabilizado nos remete ao que Pêcheux (1993, p. 166) denominou articulação:

... o que chamamos anteriormente “articulação” (ou “processo de sustentação”) está em relação direta com o que acabamos agora de caracterizar sob o nome de *discurso-transverso*, uma vez que se pode dizer que a articulação (o efeito de incidência “explicativa” que a ele corresponde) provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transverso no eixo do que designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois); portanto, o conjunto dos fenômenos



de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito.

Desta maneira, a formulação que pode ser depreendida na SD5 assumiria a forma de uma oração explicativa: “a Igreja, que é voltada aos pobres, é progressista”; esta oração se lineariza em “Igreja voltada aos pobres e progressista”, o que faz ecoar na sintaxe uma evidência semântico-ideológica.

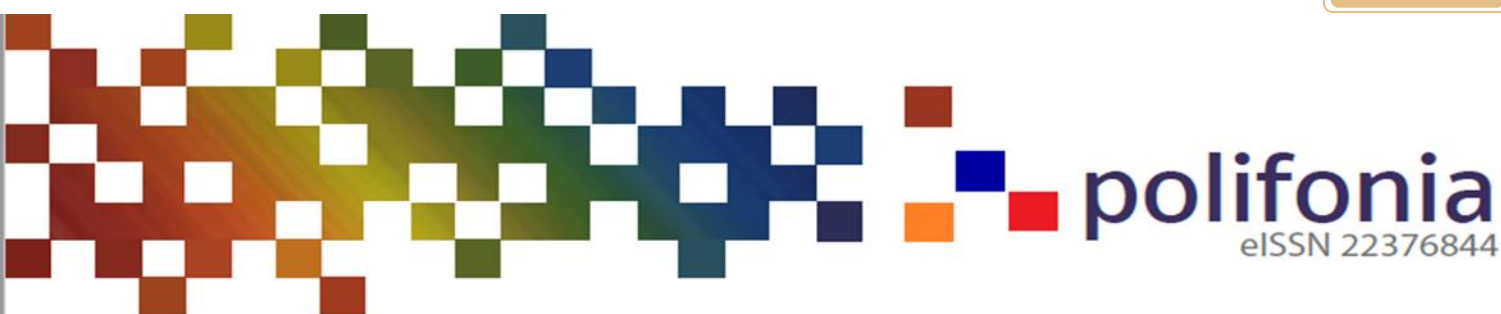
Ao mesmo tempo, existem indícios de que essa interpretação de Randolfe Rodrigues reconfigura uma rede de memória, na medida em que o Papa fez certos gestos político-simbólicos em relação aos setores progressistas da Igreja como a “redenção da Teologia da Libertação”. Isso provoca uma retomada na memória do papel do esquerdismo marxista dentro da Igreja, que a Igreja tradicional e conservadora vem rechaçando ao menos desde João Paulo II.

Os conservadores, por sua vez, também projetam uma imagem do Papa Francisco como um Papa progressista e de esquerda. Notamos isso na SD6 e na SD7 que estão abaixo:

SD6 - “Estrelas do ultraconservador TeaParty, como Sarah Palin ou Rick Santorum, não poupam críticas à ‘agenda liberal’ do Papa”. (Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/02/para-conservadores-nos-eua-Papa-e-marxista-e-ambientalista-radical.html>)

SD7 - "Isso é puro marxismo saindo da boca do Papa", disse Limbaugh em seu programa diário de rádio no fim de 2013, depois da publicação do documento. O programa conta com uma audiência de milhões. (Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/02/para-conservadores-nos-eua-Papa-e-marxista-e-ambientalista-radical.html>)

As SDs 6 e 7 indicam que os conservadores partilham dessa construção imaginária segundo a qual o Papa Francisco seria um Papa progressista e de esquerda. Isso se vê no uso dos termos “liberal” e “marxismo” presentes nessas SDs.

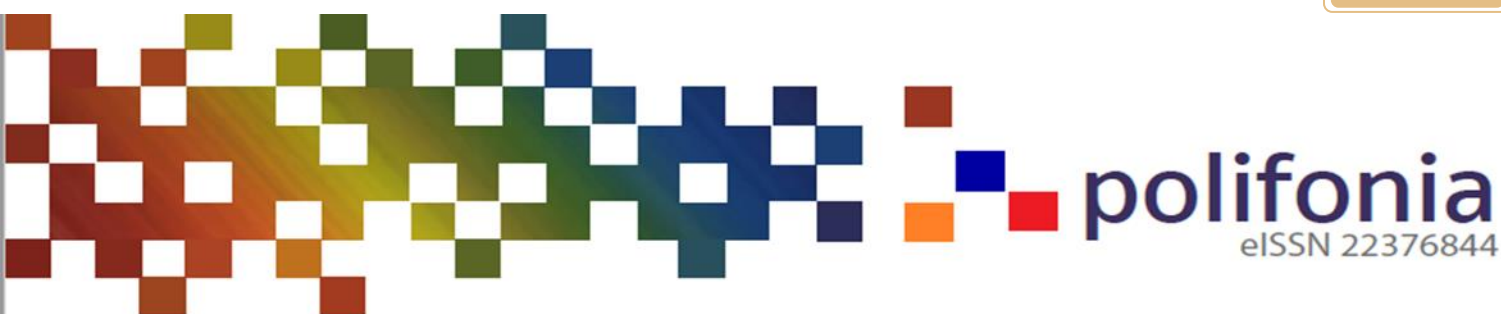


No entanto, aqui não se trata de uma imagem positiva, mas de uma visão negativa da suposta posição progressista do Papa Francisco, na qual posturas conservadoras se posicionam contra sua aparente posição ideológico-discursiva.

No entanto, cabe discutir como essa imagem faz parecer uma imagem real ou não. Por isso, consideramos decisivo o debate sobre recalque e cinismo, que segue. Nesse sentido, vale lembrar que a definição de Ideologia do imaginário comum é a de que ela consiste numa inversão do real, numa ocultação do real impedindo os sujeitos de verem o real em si mesmo. Parece haver uma cooptação desta crença em uma ideologia como “visão de mundo” e como um falseamento da realidade, a partir do qual o discurso da imprensa apareceria como um intérprete privilegiado para o sujeito-leitor, uma vez que a desvelaria. Tomando essa definição, parece que tanto a grande mídia, como importantes atores da sociedade, da Igreja e da política (seja de esquerda, seja de direita) estariam sob o efeito dessa ilusão, desse engano subjugado a essa visão ideológica do Papa Francisco como um Papa Progressista e de esquerda. Ora, é da tradição da Igreja falar dos pobres e ter um discurso simpático a eles, o que é diferente de um discurso de esquerda.

Neste ponto, vale uma incursão sobre uma atualidade da memória discursiva pela qual se percebe parte do funcionamento deste lugar do imaginário cuja base material é o discurso da mídia. Ressaltamos que para Pêcheux (1999) um domínio de memória pode se atualizar por meio de paráfrases, paráfrases estas que evocam um lugar do não dito que provoca sentido em uma FD determinada.

Vincent (1997) demonstra pontos desta contradição entre um suposto progressismo e a imagem da estagnação e do progresso que ronda esse imaginário. As Encíclicas de fins dos anos 1950 e início dos anos 1960 preocupam-se com diálogos com países pobres, sendo que dom Helder Câmara (naquela ocasião bispo auxiliar do Rio de Janeiro e secretário-geral do episcopado brasileiro) aponta o despertar de sensibilidade para a miséria do chamado Terceiro Mundo, concomitante ao fim da aliança com forças conservadoras.



Afinal, “a riqueza bestializa e a miséria imbeciliza” (frase do padre Pierre proferida em 1954, *apud* VINCENT, 1997, p. 414) e a Igreja deve dialogar com um interlocutor mais genérico, que, independente da força política e religiosa, se deslocaria ao redor do mundo para ensinar sobre seus limites internos.

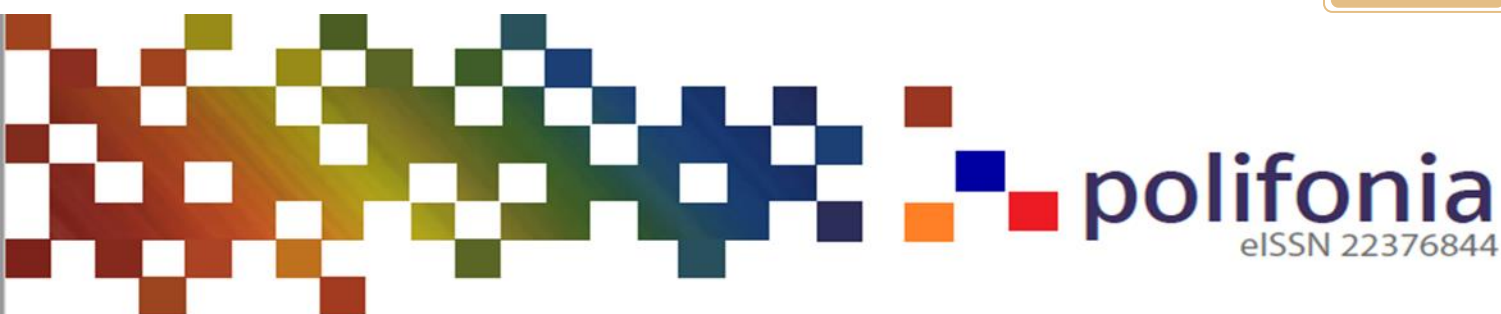
No bojo dessa discussão trazemos um trecho de Boff que pode ser lido como uma pista que corrobora nossa leitura de que as forças tanto de esquerda como de direita estão equivocadas e aprisionadas numa evidência ideológica segundo a qual o Papa Francisco seria progressista e de esquerda. Vejamos: “a Igreja diz que é preciso lutar pelos pobres, ela não diz que está do lado dos pobres. É uma posição de assistência, não de Libertação” (BOFF*apud*VINCENT, 1997, p. 418).

A polêmica sobre a posição do Papa Francisco levou o próprio a se manifestar sobre isso, o que é interessante e relevante para a questão das imagens e dos discursos, na medida em que se trata de comentários dirigidos ao próprio lugar do sujeito, num jogo especular que promove um efeito de não coincidência entre imagem e discurso. Trata-se de citações diretas e do discurso indireto livre, o que resgata uma heterogeneidade discursiva, que indica o campo das não coincidências do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998). Segundo diversos veículos da mídia, o Papa, ao falar de si mesmo, diz não ser comunista. Assim, uma das matérias tem como título “Papa rebate quem diz que ele é comunista” (SD8), que é seguida das SDs 9 e 10:

SD8 - Papa rebate quem diz que ele é comunista <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/Papa-rebate-quem-diz-que-ele-e-comunista>

SD9 - O Papa Francisco fez um discurso nesta terça-feira (28) no Encontro Mundial dos Movimentos Populares e disse que é acusado de ser comunista só por pregar o Evangelho. <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/Papa-rebate-quem-diz-que-ele-e-comunista>

SD10 - "Terra. Trabalho. Casa. Estranho, mas se falo de alguns desses temas, alguns dizem que o Papa é comunista. O amor pelos pobres é o centro Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



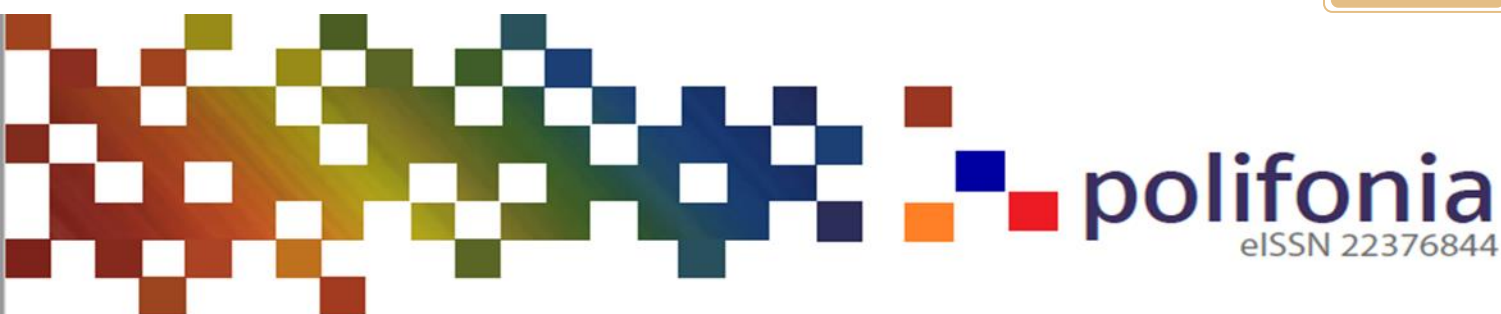
do Evangelho", disse o pontífice segundo a Rádio Vaticana. <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/Papa-rebate-quem-diz-que-ele-e-comunista>

As SDs acima afirmam que o próprio Papa diz que não é comunista. Isto significa que ele tem a palavra final sobre si mesmo? O senso comum poderia dizer que as pessoas conhecem a si mesmo melhor do que ninguém. Caso essa perspectiva seja adotada, então isso poderia significar que a afirmação dele próprio de que não é comunista desautorizaria qualquer outra interpretação de qualquer outro que não seja ele mesmo.

Essa leitura corresponderia talvez à ideia de que o homem é centro e dono de si mesmo, derivada de uma ideologia burguesa da essência do sujeito e da centralidade deste. Se o sujeito vai ao médico e o médico diz: “você está doente, precisa ficar internado”, nesse caso o sujeito não sabe mais de si mesmo do que o médico, que possui uma autorização social e científica para dizer ao sujeito sobre ele mesmo, e a partir disso, prescrever a ele o que fazer. É este um lugar do Outro; ocorre que o Outro, para a AD, é determinado pela ideologia.

A tese freudiana do inconsciente, a qual a AD subscreve, permite afirmar que o sujeito não sabe sobre si mesmo, sendo ele marcado por um desconhecimento estrutural. No caso do sujeito-Papa, caberia perguntar: ele saberia qual a sua posição ou haveria algum escamoteamento levado a cabo pelo inconsciente? Teríamos aqui um dos esquecimentos propostos por Pêcheux (1993)? Teríamos um efeito do recalque, na linha do esquecimento número um? Em suma: seria possível dizer que o Papa pode imaginar que não é comunista, mas não sabe? Se o Papa não sabe de si mesmo, isso abriria a possibilidade de que os outros dissessem a ele qual sua posição à sua revelia, mesmo a despeito de o Papa mesmo dizer que não é comunista?

Pêcheux (1996) explica que ideologia e inconsciente atuam na base material das formas de funcionamento das posições discursivas, ocultando seu próprio funcionamento e fazendo parecer que há um “fora”, um “exterior”, que permitiria um reconhecimento não acessível a

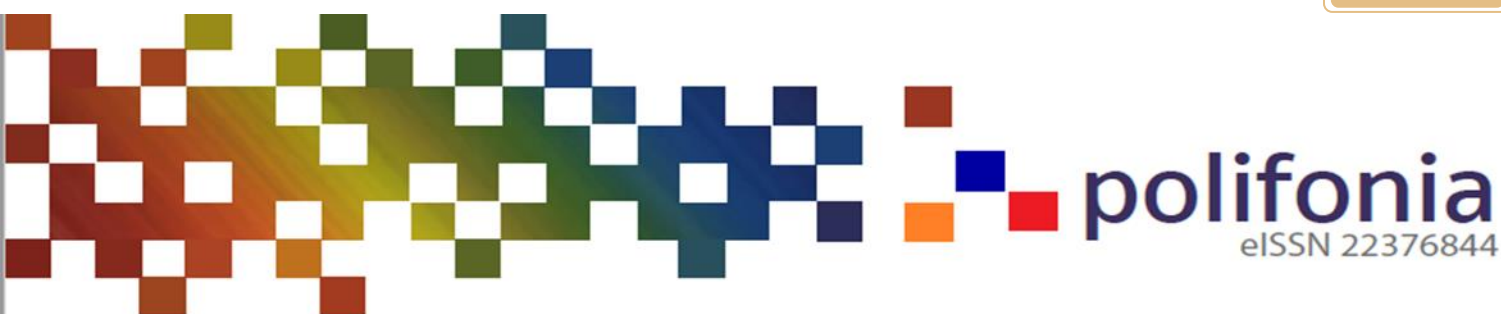


todos de maneira homogênea. Por isso, a ideologia interpela o sujeito pelo efeito Münchhausen, que retoma um pressupostoalthusseriano, o de apontar que a ideologia autoriza o reconhecimento de que “eu sou eu mesmo”. Porém, esta interpelação mascara o fato de que qualquer evidência de identidade já é resultante de como o sujeito está localizado em relação aos efeitos de pré-construído; ou seja, há vários dizeres em torno do sujeito-Papa que mascaram seus valores políticos quando interpelam o indivíduo a afirmar “eu sou o Papa e não sou comunista”. Isto ratifica que toda afirmação de si mesmo é a marca de um “já lá” que antecipa um lugar e determina o sujeito.

Se tomássemos a ideologia como ocultação da realidade, caberia denunciar o engano da esquerda que estaria iludida com a imagem enganosa do Papa Francisco. Essa ilusão estaria materializada na SD4 (de Raul Castro) e na SD5 (de Randolfe Rodrigues). Só que a AD não trata a ideologia como ocultação ou ilusão, mas sim como a fabricação discursiva de uma evidência, articulada a uma imagem inquestionável, através do apagamento de pistas que poderiam levar os sentidos para outro lugar.

O próprio título do texto no qual figuram as SDs 4 e 5 (“Papa Francisco é a contrarrevolução moderna”) já indica que o texto pretende afirmar que a imagem de um Papa progressista e de esquerda que vem sendo divulgada pela mídia impressa tradicional não corresponde àquilo que para o *blog* seria a imagem “verdadeira” do Papa. Aliás, o termo “contrarrevolução” indica uma investida antiprogressista que estaria por trás de uma imagem supostamente progressista. O termo “contrarrevolução” também resgata a memória do termo “contrarreforma” próprio do campo da Igreja que viu a Reforma Protestante e criou o movimento contrário. Há, portanto, um efeito de atualização da memória discursiva.

Supostamente, poderíamos caracterizar os sujeitos acima como fadados ao engano, ao que uma visão mais tradicional chamaria de não tomada de consciência, sujeitos que levariam esse discurso engendrado pela mídia ao pé da letra. No caso da SD4, portanto, caso pareça que a Igreja estaria “enganando” e usando Raul Castro, por outro lado, este também pode



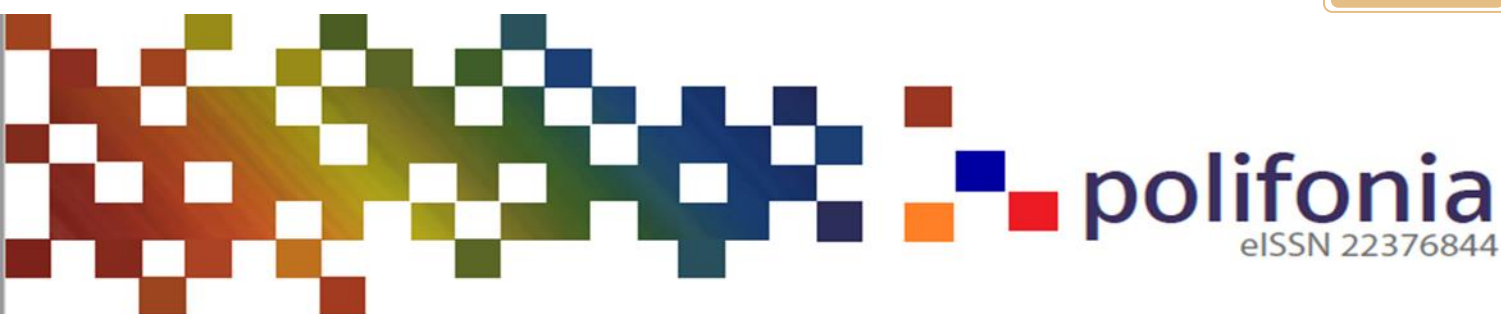
“usar” a Igreja dentro de um processo de interlocução em aberto. Se a Igreja é bem vista pela população, Raul Castro e “a esquerda” poderiam, além de alguma possível admiração genuína, “usar” a Igreja para promover a Imagem de Cuba, do Comunismo e da esquerda em geral.

Passamos agora a analisar o enunciado de Raul Castro (SD4) “Voltarei a rezar e regresso à Igreja, e não estou brincando”. Raul Castro pode estar enunciando sua posição como algo genuíno, ou seja, ele pode estar mudando de posição em razão do progressismo do Papa Francisco, e também da nova conjuntura internacional e a nova posição de Cuba que se desenhavam com a aproximação com os EUA (no governo Obama), num diálogo mediado pelo Vaticano. Essa seria a interpretação mais direta, mais evidente. Mas, como em Análise de Discurso procuramos questionar as evidências e as transparências do dizer, podemos também levantar outras hipóteses.

Levantamos a possibilidade de que o “não” do enunciado SD4 consista numa pista (GINZBURG, 1989) ou marca discursiva que não deve ser desprezada, pois pode ser indiciária de uma posição do sujeito da enunciação e do discurso.

A partir dos aportes teóricos da Psicanálise, afirmamos que a negação em questão pode consistir numa denegação. Segundo Roudinesco e Plon (1998), a denegação é um mecanismo de defesa no qual o sujeito recalca uma ideia. A denegação é um mecanismo característico da neurose. Na denegação o inconsciente não reconhece o não. É o que Freud afirma em *die Verneinung* (a negativa). Vejamos Freud:

O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. ‘*Não é a minha mãe*’. Entendemos isso para: ‘*Então é a mãe dele*’. Em nossa interpretação, tomamos a liberdade de desprezar a negativa e de escolher apenas o tema geral da associação. É como se o paciente tivesse dito: ‘*É verdade que minha mãe me veio à lembrança quando pensei nessa pessoa, porém não estou inclinado a permitir que essa associação entre em consideração*’” (FREUD, 1925/1995, p. 295. Destaques do autor)



Como o inconsciente não reconhece a negação, o uso do “não” é um mecanismo para que um conteúdo aflore, mas que permita que o sujeito continue não reconhecendo o dito.

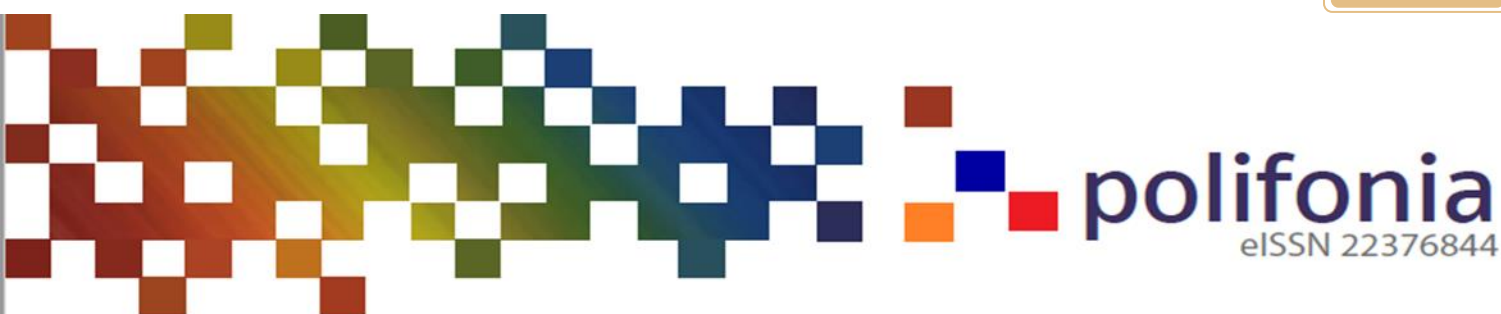
Sabemos que Pêcheux (1993) recorre à Psicanálise ao tratar dos dois esquecimentos como relativos ao inconsciente, e à estrutura neurótica. Contudo diversos trabalhos têm afirmado (Ver ZIZEK, 1999; KHEL, 2015 e SAFATLE, 2011) que está em curso na sociedade atual uma mudança na qual o laço social não seria mais marcado pela neurose e pelo recalque, mas sim pela perversão, cujo mecanismo de negação da castração é o desmentido fetichista. A perversão se manifesta através do cinismo e do fetichismo na sociedade atual.

Assim, pode ser que o “não” de Raul Castro seja um não “de brincado”, um não que não se deve levar a sério. Esse “não”, então, seria um “embuste”, um fingimento, análogo ao que se passa no desmentido fetichista.

Um dos caminhos para pensarmos isso seria trazer os comentários de Zizek (1999) sobre a razão cínica de Sloterdijk. Nessa linha, teríamos um sujeito cínico que tem consciência da natureza “ilusória” dessa ideologia e que, mesmo assim, finge acreditar nela.

O sujeito cínico tem perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continua a insistir na máscara. A fórmula, portanto, tal como proposta por Sloterdijk, seria: eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem. A razão cínica já não é ingênua, mas é paradoxo de uma falsa consciência esclarecida: sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas, ainda assim, não se renuncia ela (ZIZEK, 1999, p. 312-313)

Por este caminho, poderíamos conjecturar que Raul Castro sabe muito bem que o Papa não é comunista nem progressista, ou ao menos, que não acredita nisso, mas que finge acreditar usando essa imagem progressista do Papa na sua estratégia. Nesse sentido, o



enunciado da SD4 “Voltarei a rezar e regresso à Igreja, e não estou brincando” seria um gesto de interpretação, um uso cínico da imagem do Papa.

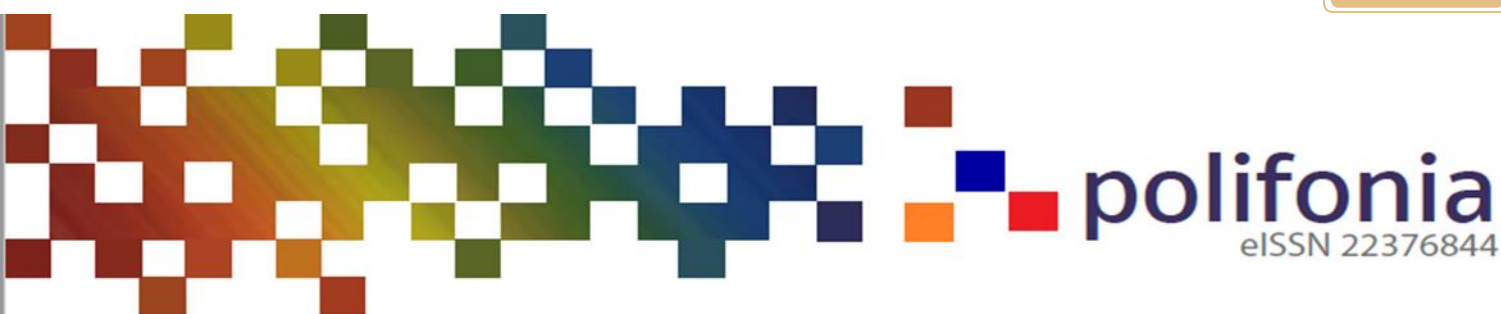
Do ponto de vista discursivo, a questão é: quais as posições que estão delimitadas para o sujeito-leitor interpretar o comentário “e não estou brincando” feito por Raul Castro? Mesmo supondo que seja ilusório, como este caminho da interpretação feito por Raul Castro disfarça tal ilusão?

Esta parte da análise se enquadra em um gesto interpretativo mais amplo, em que notamos que a delimitação das posições ideológicas e discursivas aqui abordadas, em termos de um suposto alinhamento político do Papa Francisco à esquerda ou à direita, como progressista ou não, ou mesmo por meio da análise de comentários como este de Raul Castro, toca o modo incessante de “escrita” do movimento interpretativo.

A dificuldade em saber se a negação de Raul Castro é levada a cabo por recalque, por um desmentido, ou se consiste numa posição “transparente” permite-nos mobilizar a dimensão da equivocidade e da deriva, de modo que podemos afirmar que essas posições se consolidam no imaginário justamente porque negam as lacunas do simbólico, em que aparecem algumas “falhas” na correspondência entre uma posição e outra. Possivelmente, isso aprofunda a opacidade da negativa.

Considerações Finais

Nossa análise indica que a grande mídia nacional constrói uma imagem quase unânime de um Papa Francisco progressista e aparentemente de esquerda. Notamos leituras diferentes na mídia alternativa, nacional e de outros países. Discutimos isso em termos das posições ideológicas e seus efeitos nos discursos sobre o Papa.



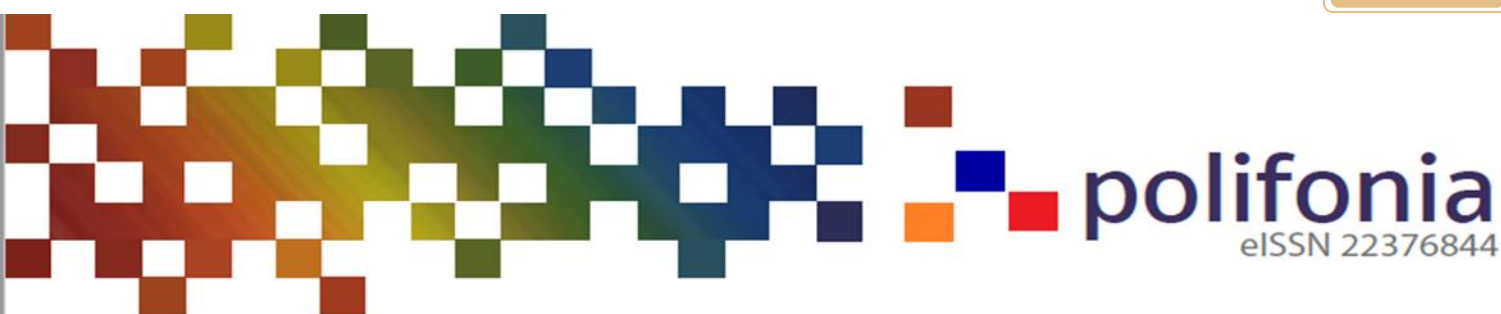
Também discutimos se parte desse jogo de posições pode ser compreendido no bojo de uma abordagem que considera o cinismo como um dos traços definidores da sociedade contemporânea.

Uma das questões que o cinismo abre é a antiga questão de se o sujeito é assujeitado ou não, e também se existem graus de assujeitamento, na medida em que o sujeito cínico pode ser visto como um intérprete que age discursivamente através de uma falsa consciência esclarecida, como afirma Zizek (1999).

Em meio à questão em aberto sobre a determinação do sujeito pelo inconsciente e pela ideologia, analisamos essa fabricação de uma evidência de sentidos, não como se estivesse superada, mas como investimento em novas questões, que se desdobram quando se analisa mecanismos ideológicos e posições discursivas.

Referências

- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro/RJ: Contraponto. 1ª reimpressão. 1999. P. 105-143.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas/SP: Cia das Letras. 1998.
- FREUD, S. A negativa. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1925/1995.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História**. São Paulo/SP: Cia das Letras. 1989.
- KEHL, M. R. Fetichismo. In: BUCCI, E. & KEHL, M.R. (Orgs). **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo/SP: Boitempo editorial. 1ª edição revista, 2015.



PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª. Edição. Campinas/SP: ed. da UNICAMP. 1993.

PÊCHEUX, M. Sobre o mecanismo do desconhecimento ideológico. In.: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro/RJ. 1996. p. 143-151.

PÊCHEUX, M. **Discurso: Estrutura ou acontecimento?** Campinas/SP: Pontes. 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: P. Achardet all (org.) **Papel da memória**. Campinas/SP: Pontes. 1999. P. 49-57.

PÊCHEUX, M. (2014). A especificidade de uma disciplina de interpretação (a Análise do Discurso na França). In.: ORLANDI, E. P. (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por E.P.Oralndi**. Campinas/SP: Pontes. (originalmente publicado em 1984).2014. p. 227-231.

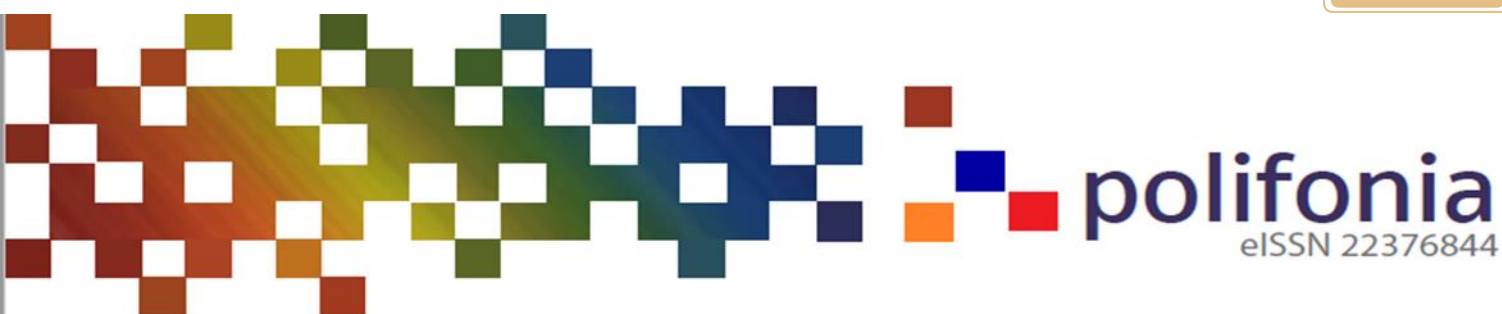
ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1998.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo editorial. 1ª edição revista, 2011.

SERRANI, S. M. Um método para estudar a discursividade na abordagem de questões socioculturais. In.: SERRANI, S.M. **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**. Campinas/SP: ed. da UNICAMP. 1997. P. 53-71.

TFOUNI, F.E.V.; PEREIRA, A.C. Um terreno em disputa: posições discursivas e ideológicas sobre o Papa Francisco na mídia. In: BERNARDO-SANTOS, W.J.; LIMA, G.O.S; CARDOSO, A.M.L. (Org.). **Discurso, literatura e ensino: análise e reflexão**. 1ed.Aracaju: Criação, 2015, v. , p. 79-95.

TFOUNI, F.E.V.; PEREIRA, A.C. Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de revista de grande circulação. **Linguagem em (dis)curso** online, v. 16, p. 11-33, 2016.



- VINCENT, G. (1997). Os católicos: o imaginário e o pecado. In.: A. Prost; G. Vincent (orgs.). **História da Vida Privada: da Primeira Guerra a nossos dias**. 2a. edição. 5a. reimpressão. São Paulo/SP: Companhia das Letras. 1997. p. 393-425.
- ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, S. (Org.) **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro/RJ: Contraponto. 1999. p. 297-331.